

UMA VIDA ENTRE EXÍLIOS: OS DESTERROS GEOGRÁFICOS E SUBJETIVOS DE GREGÓRIO GURSTONSKY

A LIFE OF EXILE: THE GEOGRAPHIC AND SUBJECTIVE EXILE GREGORY GURSTONSKY

Alexandra Santos Pinheiro¹

RESUMO: A literatura de Susana Gertopán está permeada de ficção e de memória. Nas narrativas da escritora paraguaia, conforme ela faz questão de enfatizar, estão presentes as histórias ouvidas de seus avôs e demais parentes que emigraram para o Paraguai durante a Segunda Guerra Mundial. O luto por aqueles que não conseguiram fugir do holocausto e o desejo acalentado de voltar à sua terra de origem inspiram o ato criativo da escritora. As lembranças e os sentimentos de seus familiares somam-se aos da autora no momento em que os narradores-protagonistas criados por Gertopán rememoram as suas vidas. Neste texto, damos destaque a Gregório Gurstonsky, protagonista e narrador do quarto livro de Susana Gertopán, *El otro exilio*, publicado em 2007. Ao rememorar sua história, Gregório permite analisar o exílio por diferentes perspectivas: o forçado, o voluntário, o geográfico e o interior. A marca destes múltiplos desterros está impregnada na constituição identitária do sujeito em constante busca de si e de uma pátria. Para compreender o processo memorialístico do protagonista, a análise será amparada no referencial teórico voltado à memória, à identidade e à relação entre história e ficção.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Exílio. Identidade. Escrita de autoria feminina.

ABSTRACT: Susana Gertopán literature is permeated of fiction and memory. In the narratives of the Paraguayan writer, as she is keen to emphasize, are present the stories heard from their grandparents and other relatives who emigrated to Paraguay during the Second World War. The mourning for those who failed to escape the holocaust and the cherished desire to return to their homeland inspire the creative act

¹ Professora Doutora da Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD. Atua na graduação e pós-graduação em Letras e coordena o grupo de pesquisa Núcleos de Estudos Culturais e Literários.

of the writer. The memories and the feelings of their families add up to the author at the time the narrator-protagonists created by Gertopán recall their lives. In this paper, we highlight the Gregory Gurstonsky, protagonist and narrator of the fourth book of Susana Gertopán, *El otro exilio*, published in 2007. When recalling its history, Gregory allows you to analyze exile from different perspectives: forced, voluntary, geographical and inside. The brand of these multiple exile pervades the identity constitution of the subject in constant search of itself and a homeland. To understand the memorialistic process of the protagonist, the analysis will be supported in the theoretical framework aimed to memory, identity and the relationship between history and fiction.

KEYWORDS: Memory. Exile. Identity. Female authors writing.

UMA VIDA ENTRE EXÍLIOS: OS DESTERROS GEOGRÁFICOS E SUBJETIVOS DE GREGÓRIO GURSTONSKY

A MEMÓRIA E A INVENÇÃO DE SI: QUANDO RECONTAR SIGNIFICA INVENTAR-SE

Pero solamente voy a contar, voy a escribir, sobre mis exilios. Siempre fueron provocados por la misma razón: el hambre, la persecución, el abandono, el frío, el horror, los miedos y las culpas, todo eso me llevó a ser un permanente errabundo, buscando un lugar donde pueda o me permitan vivir² (GERTOPÁN, 2007, p.31).

Neta de judeus poloneses que fugiram do holocausto provocado por Hitler, Gertopán nasceu e cresceu em Assunção. Com os avôs, com quem morou a maior parte de sua vida, aprendeu a cultura judaica e ouviu as tristes histórias narradas por sua família e pelos vizinhos judeus que se reuniam para lembrar dos amigos e dos familiares mortos durante a Segunda Guerra Mundial. As histórias falavam de pessoas e expressavam a saudade da terra de origem, uma terra que, sabiam eles, não era mais a mesma de tempos atrás. Neste ambiente, os mais velhos buscavam incutir nos mais jovens a devoção pela religião judaica e o sentimento de pertencimento a uma cultura distinta do país latino que os acolheu. Alguns jovens, como foi o caso de Susana Gertopán, experimentaram forte conflito. Havia dois mundos para eles: o de seus avôs e pais e o do Paraguai, com sua cor, sua cultura, sua gente e sua religião.

² “Mas somente vou contar, vou escrever sobre meus exílios. Sempre foram provocados pela mesma razão: a fome, a perseguição, o abandono, o frio, o horror, os medos e a culpa, tudo isto me levou a ser um permanente errante, buscando um lugar onde possa ou me permitam viver” (tradução minha).

Por muitos anos, Susana Gertopán seguiu a cultura judaica: casou-se, dedicou-se integralmente à família, cuidou de seus três filhos. Mas, por fim, ela se separou e assumiu as consequências. Passou pelo ritual do *guet*, que é explicado em sua terceira obra, *El retorno de Eva*: “Estaba obteniendo el guet, el certificado de divorcio, en una ceremonia parecida a un carnaval trágico que me condenaba por ser mujer y a la vez me permitía la libertad de mi carne, la libertad de elección, la independencia total sobre mí existir. Mi liberación”³ (GERTOPÁN, 2003, p.27). Após vivenciar o ritual, Eva vai embora de Assunção e volta vinte anos depois para entregar, ao ex-marido, a cópia original do divórcio. Diferentemente da personagem de sua narrativa, Susana Gertopán permanece no Paraguai, mas reconstrói-se. Volta a estudar, passa a exercer uma profissão fora dos domínios domésticos e conquista o tempo e a liberdade para se dedicar à escrita.

A temática do exílio é recorrente em suas narrativas. A neta de judeus, por meio da literatura, recria as histórias de seus avôs e a dela também. A escritora paraguaia cria narradores que sintetizam a dor do desterro e a dificuldade em estar em terra estrangeira. Ela compartilha sentimentos e acontecimentos recuperados pelas memórias de seus protagonistas: o desafio dos mais jovens de estabelecerem a relação entre os dois mundos e o de perpetuar a tradição judaica. Das oito obras de Susana Gertopán, *El otro exilio* é a mais representativa da temática do exílio. O protagonista Gregório, aos 75 anos de idade, escreve as suas memórias e descortina uma sequência de exílios, alguns forçados; outros, buscados como fuga de tudo aquilo que era incompreendido pela personagem. Na epígrafe escolhida para iniciar esta reflexão, encontra-se a síntese deste sujeito marcado por tantos desterramentos. Gregório define-se como “un permanente errabundo, buscando un lugar donde pueda o me permitan vivir”. A escrita de suas memórias marca o final desta busca, o protagonista encontrou as respostas para as suas angústias e já não necessita mais fugir.

A história contada por Gregório contempla a fuga dele, de seus pais e de sua irmã de Varsóvia, na década de 30. O sujeito que rememora está com mais de 70 anos, é um jornalista aposentado que vive em Buenos Aires. O leitor acompanha as reflexões de Gregório e a dor que ele necessita superar nesse encontro com o passado. Na década de 30, Gregório e sua família partem com documentos falsos em direção à América do Sul. Buenos Aires será a cidade escolhida para viverem o primeiro exílio. Depois de serem acolhidos por outros judeus, a família reencontra a tranquilidade, até que a irmã, Rivke, passa a se dedicar a um grupo político contrário à ditadura militar⁴ que marcava o país. O novo lugar escolhido para a fuga é o Paraguai e é, em sua capital, que a família volta a se recompor. O emprego do pai lhes permite sonhar com uma casa própria, com espaço para um jardim onde a mãe plantaria flores. Mas poucos anos depois, a irmã novamente se envolve com um grupo contrário à ditadura no Paraguai e a família, sem outras opções, volta a Buenos Aires, agora como clandestinos, e passam a viver em sua periferia. Gregório decide deixá-los e vai para os Estados Unidos, onde trabalha e estuda jornalismo.

Depois de formado, ele, aliado a um grupo de sionistas, parte para Israel. Casa-se e se separa por três vezes e, ao longo de sua vida, muda-se constantemente por motivos de trabalho. Volta para Buenos Aires depois do suicídio da irmã e assume para si a responsabilidade de cuidar da mãe. Ao final, é na cidade onde viveu o primeiro exílio que decide terminar os seus dias e escrever a sua história. Impulsionado por um jovem estudante de jornalismo, que solicita a ele uma entrevista, Gregório, diante da necessidade de falar do

³ “Estava obtendo o *guet*, o certificado do divórcio, em uma cerimônia parecida a um carnaval trágico, que me condenava por ser mulher e que, por sua vez, me permitia a liberdade de minha carne, a liberdade de escolher, a independência total sobre o meu existir. Minha libertação” (tradução minha).

⁴ A Argentina sofreu seis golpes de estado: 1930, 1943, 1955, 1962, 1966, 1976. A obra se refere ao de 1943, uma vez que Gregório e sua família saíram de Varsóvia em 1936, quando ele tinha seis anos de idade.

passado, silêncio e prefere escrever. O processo de escrita, entretanto, o faz mergulhar em fatos que ele revisita com dificuldade:

Lloré cuando recordé a mis padres, a mi hermana y a mis exilios. Sufría, porque no podía hablar, porque no podía contar, porque no pude gritar, porque no pude salvarle del ahogo a mi voz.

Frente a tanta frustración, me senté a contar mi vida. Pero en fin ¿qué significado tendría para un ser como yo sufrir la necesidad de contar sobre sí mismo? ¿qué significado tiene relatar la vida de uno? ¿cómo se hace? ¿cómo se sostiene una verdad que uno mismo no reconoce, o no conoce? ¿cómo se sobrevive a recuerdos que solamente causan pena? ¿cómo se descubre y se consuela la culpa? ¿cómo se explica existir, quedar vivo, en un cuerpo que no palpita?⁵ (GERTOPÁN, 2007, p.27).

Gregório é um desterrado, alguém que foi obrigado a deixar a sua pátria para fugir da perseguição, mas, depois, fugir tornou-se uma alternativa para que ele pudesse se livrar de todos os problemas. Ao final de sua vida, já não deseja escapar, ele tenta, por fim, reconhecer a sua história e enfrentar os seus traumas. No fragmento acima, aquele que rememora tem dúvidas de como deve abordar as lembranças que “solamente causam pena”. Durante dias, Gregório se exila em seu passado. Ele não apenas narra sua trajetória, como também reflete sobre ela e busca, com o olhar do senhor de 75 anos, compreender os exílios geográficos e interiores.

O prefácio da obra é escrito pelo próprio narrador. É ele quem explica ao leitor a sua intenção de registrar o seu testemunho sobre os exílios que experimentou ao longo de sua vida. O narrador busca recuperar as cenas guardadas em sua memória para compreender seus limites, seus medos e a sua maneira de interpretar a realidade à sua volta. As informações no prefácio não são lineares, como se o narrador estivesse jogando no papel as imagens que emergem aleatoriamente de sua memória:

mi nombre en español es Gregório Gurstonsky, en yiddish Ghershn y en hebreo Ghershon.

Viví en diferentes lugares, pero nunca permanecí en ninguno, ni acepté ser parte de alguno.

Aprendí varios idiomas, pero solamente los pude hablar cuando el mutismo le otorgaba licencia a mi voz. La lengua en mi hogar fue el *yiddish*⁶ (GERTOPÁN, 2007, p. 9).

É nas reflexões de Santo Agostinho que encontramos as primeiras ideias sobre o processo de rememorar. O filósofo lembra que passado e futuro são tempos inexistentes porque é no presente que ambos se constituem. Sobre as cenas da infância, por exemplo, Santo Agostinho defende que as imagens evocadas se tornam “objeto de alguma descrição, vejo-a no tempo presente, porque ainda está na minha memória” (AGOSTINHO, 2004, p.326). Talvez por esta razão as memórias de Gregório se apresentem em fragmentos, não lineares. O adulto que traz ao presente as imagens pertencentes ao passado não é o mesmo

⁵ “Chorei quando recordei aos meus pais, a minha irmã e aos meus exílios. Sofria porque não podia falar, porque não podia contar, porque não pude gritar, porque não pude salvar a minha voz do afogamento. Frente a tanta frustração de contar sobre si mesmo, que significado tem relatar a vida de uma pessoa? Como se faz? Como se sustenta uma verdade que não se reconhece ou não conhece? Como se sobrevive a recordações que somente causam pena? Como se descobre e se consola a culpa? Como se explica existir, ficar vivo, em um corpo que não palpita?” (tradução minha).

⁶ “Meu nome em espanhol é Gregório Gurstonsky, em *yiddish* Ghershn e em hebreu Ghershon. Vivi em diferentes lugares, mas nunca permaneci em nenhum, nem aceitei ser parte de um. Aprendi vários idiomas, mas somente os pude falar quando o mutismo dava licença à minha voz. A língua em minha casa foi o *yiddish*” (Tradução minha).

que as vivenciou um dia. Trata-se, portanto, de um momento de descrever e refletir sobre os vestígios presentes na memória. Aquele que rememora também tem a liberdade para justificar algumas ações ou para “esquecer” outras. O narrador- protagonista de *El otro exilio* também tem a consciência de que as memórias são recuperadas com os olhos de um adulto que visita o seu passado como um expectador.

Mas o tempo recuperado por Gregório não é apenas cronológico, ele também é social, como defende Eclea Bosi (1994). O protagonista rememora experiências individuais e coletivas. Ao final, como é ele quem faz a ação de rememorar, a vida das demais personagens são trazidas à tona pelo seu ponto de vista. A irmã Rebeca, suas lutas contra as ditaduras da Argentina e do Paraguai e o seu suicídio são representados por Gregório, que terá como ponto de referência os sentimentos que as ações da irmã causaram nele. Da mesma maneira, o sonho da mãe em encontrar um lugar que amenizasse a saudade de sua terra natal e o desejo de cultivar flores é reconhecido pelo narrador como se fosse um projeto também dele. Afinal, as muitas mudanças de países também foram movidas pela expectativa do protagonista em encontrar um espaço que pudesse dar a ele o sentimento de pertencimento. Aquele que rememora é, portanto, um porta voz de si e “dos outros”, função reconhecida por Gregório:

Gozo con la exhibición escrita de los hechos, con las demostraciones de los acontecimientos puestos en el deseo de liberar el dolor y aplacar la culpa a través de cada verdad, que es única; de ideas que son mías, pero que también pueden ser de otros, de muchos; que son parte de cada uno de nosotros y que nadie tiene el derecho de censurarlas⁷ (GERTOPÁN, 2007, p.71).

“Nadie tiene el derecho de censurarlas” as memórias revisitadas pelo protagonista? Estariam presentes neste fragmento duas constatações: a primeira seria a consciência de Gregório de que as suas memórias existem em partilha com outras. Em segundo lugar, estaria o medo de ser julgado. Registrar sentimentos e ações implica em saber que aquilo que antes era apenas seu, agora será de conhecimento de muitos, que poderão julgar alguns fatos da trajetória rememorada. Por outro lado, o ato de rememorar permite ao sujeito a sua versão da história e o direito de selecionar o que será descortinado e aquilo que continuará esquecido: “[...] algunos recuerdos de ese tiempo me son vagos, otros me niego a recordar”⁸ (GERTOPÁN, 2007, p.34).

Mais do que se negar a lembrar, trata-se da “impossibilidade de reviver o passado tal e qual; impossibilidade que todo sujeito que lembra tem em comum com o historiador” (BOSI, 1994, p.59). É pela impossibilidade de apreender todos os fatos vividos que o ato de rememorar permite uma revisão-invenção de sua história. Na citação abaixo, o narrador demonstra ter a consciência de ser um expectador das imagens recuperadas no passado. Neste caso, um expectador amadurecido pelos desafios impostos pela vida e pelos exílios forçados e voluntários: “Ahora lo cuento, recién ahora puedo escribir sobre todo lo vivido durante esos años, pero con los ojos de un hombre de setenta y cinco años, que ya intentó por otros medios entender, perdonar ciertos acontecimientos que le produjeron demasiado dolor”⁹ (GERTOPÁN, 2007, p.49).

⁷“Alegro-me com a exibição escrita dos feitos, com as demonstrações dos acontecimentos, colocados com o desejo de liberar a dor e apaziguar a culpa por meio de cada verdade, que é única; de ideias que são minhas, mas que também podem ser de outros, de muitos; que são parte de cada um de nós e que ninguém tem o direito de censurar” (tradução minha).

⁸ “[...] algunas recordaciones deste tiempo me são vagas, outras me nego a recordar”

⁹ “Agora conto, só agora posso escrever sobre todo o vivido durante estes anos, mas com os olhos de um homem de setenta e cinco anos, que já tentou por outros meios entender, perdoar certos acontecimentos que lhe produziram demasiada dor” (tradução minha).

A busca pelo passado obedece à ordem cronológica. Ou seja, Gregório regressa à infância, à adolescência e à vida adulta. A passagem de um momento a outro é dada pelo narrador a partir do período em que ele se encontra. Ao sair da Polônia, Gregório tem seis anos de idade. A passagem deste tempo é dada pela comemoração dos seus 13 anos, importante acontecimento para a cultura judia e para ele também, que, depois de 7 anos, recupera a sua voz: “Oí a León, pero también oí otra voz. Era la mía. En ese momento yo estaba oyendo mi voz, mi propia voz”¹⁰ (GERTOPÁN, 2007, p.61).

A perda da voz, na narrativa, é um dos pontos mais significativos. Trata-se da síntese dos traumas que marcam a sua história. O primeiro nasce com o exílio forçado, quando fogem do holocausto. Naquele momento, o protagonista, com seis anos de idade, é deixado em uma rua deserta de Varsóvia, onde deveria esperar por um desconhecido que o levaria até o navio, para o reencontro com a família. Ao recordar este tempo de espera, Gregório busca encontrar explicação para o medo que o levou a urinar nas calças. No navio, finalmente reencontra o pai, mas não recebe dele o acolhimento que desejava. O segundo exílio forçado implicará na segunda perda da voz e, por fim, já na vida adulta, perde a voz quando recebe a notícia da morte do pai. O homem adulto que rememora analisa a sua incapacidade de se expressar diante dos medos e reconhece a perda de voz como um exílio interior voluntário. Ele desejava estar longe de tudo o que ocorria a sua volta para superar os acontecimentos traumáticos. Ao final, aquele que por tantas vezes perdeu a voz, sente-se fortalecido, a ponto de tomar para si a tarefa de recuperar a vida dos que já morreram:

Ahora, que ya mis padres están muertos, me resulta más difícil contar sobre ellos. Siempre existen un cierto prejuicio cuando queremos referirnos a los que ya no viven. Es como si los muertos se llevaran de la vida un halo de bondad con el que protegen su memoria. A los muertos no se los toca, de los muertos no se habla¹¹ (GERTOPÁN, 2007, p.75).

A tarefa não é das mais simples, uma vez que o próprio narrador chama a atenção para a dificuldade em enxergar (evidenciar) os defeitos daqueles que já morreram. Estes estariam protegidos por uma “auréola de bondade com que protegem a sua memória”. Consciente desta dificuldade, Gregório busca evocar a vida de seus familiares mortos a partir do equilíbrio entre um advogado de defesa e de acusação. Ou seja, ele aponta os seus defeitos, mas se antecipa nas justificativas. No caso do narrador de *El otro exilio*, é interessante como ele mesmo tece considerações sobre o processo memorialístico. Há perguntas que necessitam ser feitas ao passado e ao encontrar possíveis respostas, há o enfrentamento com dores que se julgava resolvidas: ¿Por qué sufrir tanto ante la necesidad de contarlos, de escribirlo? (GERTOPÁN, 2007, p.113). As angústias são provocadas pelo encontro com o seu maior adversário, sua “alma”:

Padecer de éste apremio por revivir recuerdos que mantuve guardados y que al traerlos al presente me llevan a sufrirlo de nuevo, me vuelve vulnerable a ellos. Pero a pesar de todo, sigo escribiendo, no puedo detenerme, no puedo parar esta compulsión por contar, aunque me duela, aunque sufra por permanecer en este estado delirante, donde me enfrento con cada palabra que escribo a un nuevo duelo

¹⁰ “Ouí a León, mas também ouí outra voz. Era a minha. Neste momento, eu estava ouvindo minha voz, minha própria voz”

¹¹ “Agora que meus pais estão mortos, me resulta mais difícil contar sobre eles. Sempre existe um certo preconceito quando queremos nos referir aos que já não vivem. É como se os mortos levassem da vida uma auréola de bondade com que protegem sua memória. Nos mortos não se toca, dos mortos não se fala”

con adversario conocido, íntimo, que termina siendo mi voz, mi alma¹² (GERTOPÁN, 2007, p.113).

“Ao se lembrar de algo, alguém se lembra de si”, escreveu Paul Ricoeur, em *A memória, a história, o esquecimento* (2007, p.107). Ter a “alma” como grande adversário significa o quanto complexo é a tarefa de voltar-se para si. A alma de um indivíduo guarda os sentimentos mais íntimos, aqueles que o sujeito desejou conscientemente esquecer e outros que se perderam ao longo da vida. Ambos, de alguma maneira, foram preservados e o esforço por recuperá-los só é permitido a quem aceita reencontra-se consigo mesmo. Pensar a escrita, neste caso, também implica em analisar o empoderamento do sujeito diante da possibilidade em revisitar o seu passado, “desenterrar mis recuerdos, para, alguna vez, lograr deshacerme de tanto dolor”¹³ (GERTOPÁN, 2007, p.123). O jornalista de 75 anos revisita a sua memória e reinventa a sua história. Os exílios físicos e interiores são recuperados e analisados pelo ponto de vista do profissional que, para abafar as suas misérias, optou por ser repórter de guerra. Do apartamento em Buenos Aires, ele faz as pazes com sua trajetória e a reconstrói com a leveza daquele que superou os desafios. Por fim, Gregório é o narrador que “não quer enxergar a si ontem, mas quer observar o seu ontem no hoje” (SANTIAGO, 2002, p.56). E, de maneira contundente, o narrador constata que suas piores angústias estavam atreladas aos exílios forçados a que foi submetido e aos exílios voluntários que adotou para fugir de sua incapacidade de expressar suas dores.

A PERDA DA VOZ COMO REPRESENTAÇÃO DE UM EXÍLIO INTERIOR

Paul Ricoeur (2007) afirma: “[...] não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou antes que declarássemos nos lembrar dela”. Em seguida, destaca que:

[...] a "rememoração" [...] proporciona o sentimento da distância temporal; mas ela é a continuidade entre presente, passado recente, passado distante, que me permite remontar sem solução de continuidade do presente vivido até os acontecimentos mais recuados da minha infância (RICOEUR, 2007, p.40).

Por mais de 70 anos, Gregório optou pelo silêncio. Aos seis anos, como já foi mencionado aqui, ele experimentou a angústia de estar sozinho nas ruas de Varsóvia, à espera de um desconhecido que o levaria ao navio onde estavam seus pais. Os instantes que passou na rua foram angustiantes, tanto que ele urina nas calças. A imagem recuperada logo depois é o reencontro com o pai no navio: “Estaba ahí frente a mí. Me abracé a sus piernas. Levanté la vista esperando una reacción, un ensayo siquiera de festejo por verme ahí frente a sus ojos. Pero él apenas me preguntó dónde se encontraban mi madre y Rivke¹⁴” (GERTOPÁN, 2007, p.44). Reencontrar a criança friamente recusada pelo pai dá ao protagonista a reflexão de que

¹² “Padecer desta pressão por reviver recordações que mantive guardadas e que, ao trazê-las ao presente, me levam a sofrer de novo, me torna vulnerável a elas. Mas apesar de tudo, sigo escrevendo, não posso me deter, não posso parar esta compulsão por contar, ainda que doa, ainda que sofra por permanecer neste estado delirante, onde me enfrento com cada palavra que escrevo a um novo duelo com o adversário conhecido, íntimo, que termina sendo a minha voz, a minha alma” (tradução minha).

¹³ “Desenterrar minhas recordações para, alguma vez, me livrar de tanta dor” (tradução minha).

¹⁴ “Estava ali, frente a mim. Abracei as suas pernas. Levantei os olhos esperando uma reação, um ensaio de festejo por me ver ali frente aos seus olhos. Mas ele apenas me perguntou onde estavam a minha mãe e Rivke” (tradução minha).

não foi a escuridão e a solidão das ruas de sua terra natal que lhe silenciaram. O silêncio foi consequência da falta de amparo daquele a quem a criança depositou sua confiança.

Posteriormente, Gregório tem a chance de agir da maneira com que desejou ser acolhido por seu pai. Ele já era jornalista e estava cobrindo uma guerra civil em Biafra, África, quando resgata uma criança perdida no meio de escombros. O ato é narrado como se ele tivesse resgatado a si mesmo em sua infância, no momento em que não vivenciou o acolhimento: “Era mío. Yo lo había parido¹⁵” (GERTOPÁN, 2007, p.281). O protagonista ampara o pequeno sobrevivente, o leva para Madri e o adota, com o apoio de sua segunda esposa, Nicole. A criança perdida recebe o nome judeu de Asher, que em hebreu “significa alegria. Y alegría fue la principal característica de su temperamento”¹⁶ (GERTOPÁN, 2007, p.283).

Asher cresceu cultivando a alegria de ter sido acolhido e amado; Gregório, cultivou o trauma de ter sido ignorado em suas angústias infantis. Asher alegrou a vida dos que o acolheram; Gregório silenciou diante da impossibilidade de elaborar suas ideias em relação ao trauma vivido. Em suas reflexões sobre o papel da memória e do testemunho, Seligmann-Silva destaca a lacuna existente entre o vivido e a expressão verbal (Cf. SELIGMANN-SILVA, 2003, p.46). O holocausto, nas memórias de Gregório, não parece ser o ponto central. Nas cenas tecidas por ele, está o peso de uma família que não se comunica, que não se expressa e com a qual ele não consegue se identificar. Ao se reencontrar nestes primeiros anos de exílio interior, o adulto que rememora toma para si sentimentos que eram dos adultos: “Los Dolores del exilio, todos míos, y ahí los dejé, en silencio”¹⁷ (GERTOPÁN, 2007, p.14). Aos seis anos, o menino que não foi acolhido pelo pai, na noite fria de Varsóvia, silencia suas perguntas, seus medos e as incertezas diante daquilo que estava por vir. No limite entre o presente e o passado de quem rememora, o adulto tem a dimensão do que representou a ele os momentos de silenciamento: “Me exilio en mí mismo. Yo escojo con libertad este lugar, este encuentro silencioso sólo conmigo”¹⁸ (GERTOPÁN, 2007, p.18)

No encontro silencioso consigo mesmo, o protagonista, em suas várias fases, o menino, o adolescente e o adulto, pode dedicar mais tempo para observar o que estava em sua volta. O resultado de suas observações, entretanto, confunde-se entre aquilo que diz respeito a ele e o que era do outro. Em alguns momentos, por exemplo, recupera a culpa experimentada por seus pais por terem sobrevivido ao holocausto. Nesta memória, há dois movimentos, o de também tomar para si esta culpa e o de questioná-la: “Nosotros nos encontrábamos tranquilos en Argentina, pero llevábamos una culpa por haber salido de Polonia, cuando en realidad ese argumento no nos convencía, sencillamente ¿debíamos sufrir por no tener el mismo destino de los que allá quedaron?”¹⁹ (GERTOPÁN, 2007, p.57). A memória coletiva e a individual se confundem e, neste processo, é possível notar que Gregório já se libertou desta suposta culpa. As indagações, ao final, dão a dimensão deste sujeito presente que questiona o passado marcado pelo remorso.

As consequências dos exílios geográficos, portanto, são menos imperativas na vida de Gregório do que as constantes fugas para elucidar suas inquietações interiores. O holocausto marca o primeiro exílio, a ditadura militar argentina o segundo e a ditadura paraguaia o terceiro. Mas suas memórias não dão destaque a estes eventos históricos, a

¹⁵ “Era meu. Eu o havia gerado” (tradução minha).

¹⁶ “significa alegria. E alegria foi a principal característica de seu temperamento” (tradução minha).

¹⁷ “As dores do exílio eram todas minhas, e ali as deixei, em silêncio” (tradução minha).

¹⁸ “Me exilo em mim mesmo. Eu escolho com liberdade este lugar, este encontro silencioso apenas comigo” (tradução minha).

¹⁹ “Nós nos encontrávamos tranquilos na Argentina, mas levávamos uma culpa por ter saído da Polónia, quando em realidade este argumento nós nos convencia. Sinceramente, deveríamos sofrer por não ter o mesmo destino dos que lá ficaram?” (tradução minha).

trajetória ao passado descortina ao leitor o caos interior daqueles que foram vítimas destes acontecimentos. Portanto, nas memórias presentes em *El otro exilio*, interessa as marcas individuais e coletivas deixadas pela Segunda Guerra Mundial e pelas ditaduras ocorridas na América Latina. Os sentimentos individuais podem ser representativos de uma coletividade, mas, no caso desta obra, o protagonista primeiro assume o desafio de voltar para si e de registrar em palavras os traumas silenciados até então. A perda da voz representa, assim, a fuga voluntária para um exílio interior:

Cuando el mundo de afuera no me era propicio, cuando sentía que ya nadie me entendía ni que a nadie le interesaba comprender lo que mi voz, mis palabras, tenían para contar, entonces elegía la mudez, el silencio como opción para sobrevivir [...]

Mi voz y yo creamos una relación extraña, era mi otro yo, era el Ghershn que vivía dentro de mí. Mi alma. Siempre oí mi voz, aunque ella estuviera apagada²⁰ (GERTOPÁN, 2007, p.64).

Nos dois recortes acima, podemos reconhecer que a maturidade do adulto que rememora e analisa as cenas revisitadas não é a mesma da criança e do adolescente que optou por silenciar suas angústias. Ao se reencontrar com o passado, Gregório afirma que o silêncio foi uma maneira encontrada para sobreviver, na época, à indiferença daqueles que lhe cercavam. A voz representa a personificação de seu alterego. Acostuma-se com o silêncio e passa a vida acreditando que seus sentimentos não merecem ser ouvidos por ninguém. Ao final, quando é desafiado a registrar a sua história, sua voz se transforma no registro escrito. Uma vez escrito e entregue ao estudante de jornalismo que lhe solicitou uma entrevista, o protagonista por fim pode dividir com o mundo exterior os traumas dos quais ele não se sentia capaz de compartilhar.

Ao registrar, descortina não apenas seus anseios, mas a vida de sua família. O segundo exílio interior ocorre quando a irmã comunica que, por razões políticas, deveriam fugir de Buenos Aires para não serem presos: “en ese momento decidí quedarme en silencio. Huir de nuevo, huir. Y huir. No quise seguir hablando. Ir a un nuevo exilio, un exilio voluntario. Sin voz. Permanecí mudo²¹” (GERTOPÁN, 2007, p.88). Mais uma vez, o narrador viu-se obrigado a acompanhar a família. Se o exílio geográfico é um imperativo naquele momento, o interior representa a possibilidade de se proteger dos problemas emocionais e políticos da irmã e do relacionamento com os seus pais. Gregório pode, no momento em que escreve as suas memórias, compreender a atitude dos pais e também reconhece que a opção em silenciar também foi uma maneira encontrada de se proteger das incompreensões dos que o cercavam. Na realidade, também para ele havia o desafio de traduzir os seus sentimentos:

De pronto dejé de entender lo que me pasaba, se me confundía todo en la cabeza, como si entrara dentro de un sueño, tenía una enorme confusión que me producía una gran angustia. Idiomas, nombres de puertos, de ciudades, países, personas, monedas, *yiddish*, castellano, polaco, nombre de personas, apellidos, todo eran palabras, desorden de tempo, de lugares, de situaciones; sentía ganas de confusión para poder empezar de nuevo dentro de un espacio tranquilo, claro, silencioso, sin

²⁰ Quando o mundo de fora não me é propício, quando sentia que ninguém me entendia e que a ninguém se interessava em compreender o que minha voz, minhas palavras, tinham para contar, então escolhia a mudez, o silêncio como opção para sobreviver. [...]. Minha voz e eu criamos uma relação estranha, era o meu outro, era o Ghershn que vivia dentro de mim. Minha alma. Sempre ouvi minha voz, ainda que ela estivesse apagada (tradução minha).

²¹ “Neste momento, decidi ficar em silêncio. Fugir de novo, fugir. E eu fugi. Não quis mais falar. Fui a um novo exílio, um exílio voluntário. Sem voz. Permaneci mudo” (tradução minha).

cambios; siempre nos manejábamos en un continuo desconcierto, en un permanente desasosiego²² (GERTOPÁN, 2007, p.109).

A terceira vez em que mergulha em um exílio interior é devido a morte de seu pai, na Argentina. O próprio protagonista, enquanto rememora estes momentos de silêncios, busca compreender o que o fazia calar. Recolher-se a si mesmo era uma maneira de proteger-se e, ao mesmo tempo, encontrar respostas para suas angústias: “Estaba viviendo un tiempo en el cual necesitaba aislarme, [...]. Un lugar físico donde descansar, sin que nadie me molestara; para entender lo que me pasaba debía permanecer encerrado”²³ (GERTOPÁN, 2007, p.239). Ao final, reconhecer que seu silêncio era “un recurso sencillo frente al miedo a vivir. No temía morir, temía vivir”²⁴ (GERTOPÁN, 2007, p.254). E viver significava admitir seus traumas, encará-los de frente, denunciar os adultos que ignoraram os seus medos e angustias. Viver significava admitir a culpa por ter abandonado a família na periferia de Buenos Aires. Neste terceiro exílio interior, o protagonista necessita admitir que virou as costas para aqueles que precisavam se apoiar nele. Assim como também, no navio em Varsóvia, o menino Gregório não recebeu o acalento paterno para amenizar o medo; o homem Gregório negou ao pai a acolhida, deixou para trás e só se deu conta de suas necessidades quando recebe a notícia de sua morte.

Diante do suicídio da irmã, o protagonista, agora mais maduro, destaca o “otro exilio” que dá título à obra:

No se trataba de ese exilio, sino de otro, el que tenía que ver con mis sentimientos. No podía sacarlos, no podía hacerlos voz, no lograba expresar absolutamente nada, estaba encerrado dentro de mí, y el causante no era una mudanza como otras veces, ni de una situación de sobrevivencia, o de hambre o de frío. Era de nuevo el miedo a enfrentarme al dolor²⁵ (GERTOPÁN, 2007, p.285-286).

As memórias escritas por Gregório o ajudaram a decifrar suas angústias. O reencontro com o passado permitiu-lhe “encontrar saídas viáveis, até mesmo do ponto de vista psíquico, para reconstituir uma vida, um futuro” (CYTRYNOWICZ, 2003, p.132). Ao escrever, Gregório sai do exílio interior e registra o seu testemunho em relação aos fatos históricos que marcaram a sua vida. O testemunho de Gregório também é coletivo, uma vez que toda a sua família é recuperada. As suas memórias testemunham os medos, as incertezas e as (des)esperanças de um grupo forçado a fugir de sua terra natal e obrigado a dialogar com idiomas, costumes e conflitos de terras estrangeiras.

²² “De imediato deixei de entender o que me passava, me confundia a cabeça, como se entrasse dentro de um sonho, tinha uma enorme confusão que me produzia uma grande angústia. Idiomas, nomes de portos, de cidades, países, pessoas, moeda, *yiddish*, castelhano, polaco, nome de pessoas, sobrenome, tudo eram palavras, desordem de tempo, de lugares, de situações; sentia vontade de começar de novo, dentro de um espaço tranquilo, claro, silencioso, sem mudanças; sempre nos dirigíamos em um contínuo desconcerto, em um permanente desassossego” (tradução minha).

²³ “Estava vivendo um tempo no qual necessitava isolar-me, [...]. Um lugar físico onde descansar, sem que ninguém o molestasse; para entender o que me passava, devia permanecer fechado” (tradução minha).

²⁴ “Um recurso simples frente ao medo de viver. Não temia morrer, temia viver” (tradução minha).

²⁵ “Não se tratava deste exílio, e sim de outro, o que tinha que ver com os meus sentimentos. Não podia tira-los, não podia dar-lhes voz, não alcançava expressar absolutamente nada, estava fechado dentro de mim e a causa não era a mudança como outras vezes, nem era uma situação de sobrevivência, ou de fome, ou de frio. Era de novo o medo de enfrentar a dor” (tradução minha)

PALAVRAS FINAIS

El otro exilio é um livro memorialístico, que permite ao leitor conhecer o holocausto e parte da ditadura argentina e paraguaia por aquilo que os eventos históricos imprimem naqueles que são atingidos pela perseguição, seja ela religiosa, étnica ou política. Em suas narrativas, Susana Gertopán busca dar vida ao que lhe contava os seus avôs. Ela não viveu o holocausto e seus livros seriam, assim, uma “pós-memória” (SARLO, 2007), ou seja, eles falam a partir do testemunho de quem viveu de fato o trauma. Da mesma maneira, Gregório deixa o seu depoimento. O protagonista é o porta voz de seus sentimentos, mas atua também como a “pós-memória” de seu pai, de sua mãe e de sua irmã.

Sobressai, na narrativa, o lugar privilegiado daquele que, voluntariamente, escolhe o exílio interior. É no silêncio que Gregório encontra proteção. Dentro de si, ele reconhece as angústias, as incertezas e guarda sentimentos. A irmã comete o suicídio, o pai entrega-se à depressão, a mãe enlouquece e Gregório silencia, à espera do momento oportuno para registrar as suas memórias. Quando registra a sua história, o protagonista faz as pazes com o passado, compreende os que já morreram e se sente pronto para deixar o exílio interior que o abrigou. Gregório não é mais o menino que precisa ser amparado pelo pai na noite escura de Varsóvia, ele é o adulto, pronto para dar testemunho daquilo que os livros de histórias nem sempre são capazes de apreender. Em *El otro exilio*, a autora coloca em evidência pessoas comuns e mostra as formas encontradas por elas para sobreviverem ao desamparo causado pelos grandes acontecimentos: sejam eles o holocausto ou a ditadura militar na América Latina.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa, *Memória e sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CYTRYNOWICZ, Roney. “O silêncio do sobrevivente: diálogo e rupturas entre memória e história do holocausto”. In. SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003.

FÉLIX, Loiva Otero. *História e memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. “Quem precisa de identidade?” In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Trad. e org. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Org. Jovita Maria Gerheim Noronha; trad. Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

RICOUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: editora da Unicamp, 2007.

SANTIAGO, Silvano. *Nas malhas das letras*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende *et all.* Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

ZINANI, Cecil. *História da literatura: questões contemporâneas*. Caxias do Sul-RS: Educ, 2010.

Recebido em: 14 de dezembro de 2015.

Aceito em: 04 de setembro de 2016.